

"Um trunfo para a
space opera coreana."
— *Reactor Magazine*

ELAINE
U. CHO

GODORI



GODORI



Planeta minotauro

**ELAINE
U. CHO**

Tradução
Luara França



Planeta minotauro

Copyright © Elaine U. Cho, 2024

Publicado originalmente nos Estados Unidos, pela Hillman Grad Books,
um selo da Zando.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

Copyright da tradução © Luara França, 2025

Todos os direitos reservados.

Título original: *Ocean's Godori*

Preparação: Bárbara Prince

Revisão: Thiago Bio e Caroline Silva

Projeto gráfico e diagramação: Matheus Nagao

Capa: Evan Gaffney

Ilustração de capa: Jee-ook Choi

Adaptação de capa: Isabella Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cho, Elaine U.

Godori / Elaine U. Cho ; tradução de Luara França. -- São
Paulo : Planeta do Brasil, 2025.

304 p.

ISBN 978-85-422-3166-3

Título original: *Ocean's Godori*

1. Ficção norte-americana 2. Ficção científica I. Título II.
França, Luara

25-0095

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

705110-4 INTEGRAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



Ocean se pergunta há quanto tempo ele a está traindo.

Adama e o restante da tripulação da *Fafnir* protestam à mesa barulhenta do restaurante. O lugar é uma homenagem aos antigos restaurantes de churrasco, mesmo que o carvão sob as grelhas seja apenas um holograma. As paredes de vidro liso brilham com anúncios de soju e fotos de celebridades que não parecem conhecer o termo “ressaca”.

Oori Da é uma luta de idiomas e barulho de barriga de porco sendo grelhada. Pessoas dos mais diversos lugares vêm para cá, mas todas saem cheirando ao mesmo aroma de carne. Ajumma andam no ritmo dos copos e na harmonia das vozes que se levantam em um clamor bêbado ou em um desastre amoroso. Ocean ama o estalar da alface enrolada na carne junto do arroz quentinho, da pimenta doenjang pungente e do kimchi picante. Não há nada como dividir comida com pessoas na mesma mesa: servir um pedaço individual de carne ou receber a oferta, como um deus benevolente.

Logo no começo da relação, Ocean levou Adama a Oori Da para se exibir, mas hoje ela se arrepende. Ele voltou mais cedo de Marando a fim de se encontrar com a tripulação dele para jantar antes do baile de gala da Aliança, no dia seguinte. É difícil encontrar tempo para ficarem juntos, já que pertencem a tripulações diferentes, mas sempre se esforçaram. Para ela, isso nunca foi um problema, mas é claro que Adama não tem a mesma opinião.

— Ocean! Deixa eu encher seu copo! — Robert, o capitão da *Fafnir*, balança uma garrafa verde em frente a ela. — Aish, me desculpa — diz ele, quando o soju transborda do pequeno copo que ela segura com ambas as mãos. Ele bate seu copo no dela, para um brinde. — Skål!

— Geonbae! — Ela se vira para o lado para beber o conteúdo do copo de uma vez.

— Mais um? — pergunta ele, e ela levanta o copo mais uma vez, mas o coloca na mesa depois de uma performática golada. — Você não é de beber muito, é?

Ocean nunca ficou mais do que levemente alcoolizada, mas é Adama quem responde por ela, do outro lado da mesa.

— Ocean não suporta soju.

O sorriso fácil dele mostra os dentes impossivelmente brancos. Ele estende o braço escuro e comprido para pegar o drinque de Ocean do outro lado da mesa e bebê-lo com facilidade. Os colegas de tripulação dele o provocam enquanto ele pisca para Ocean e coloca o copo, agora vazio, de volta na frente dela. A piscadela deveria irritar Ocean, mas o que a aborrece, mais do que qualquer coisa, é o gesto supostamente cavalheiresco. E o fato de que, embora a maioria das pessoas à mesa esteja rindo e encorajando Adama, a mulher ao lado dele, Liesl, estuda tudo em silêncio. Ela observa a grelha do churrasco como se sua vida dependesse da cor daquela barriga de porco.

— Você não deveria ter soju nas veias? — provoca Robert.

Ocean traz o copo vazio mais para perto e responde:

— Soju só é bom em alguns contextos: com cerveja, misturado em algum drinque ou como tira-gosto pro jjigae.

Adama tem razão; ela nunca gostou muito de álcool, não entende o apelo daquele líquido transparente e ardido. A não ser aqui, depois de uma porção quente de jjigae ou um pedaço de picles servido em palitinhos de metal. Ela pega a garrafa de soju e se serve de mais uma dose, a expressão neutra, os olhos em Adama.

Pela primeira vez na noite, o sorriso dele diminui. Mas só por um momento. Ele a cutuca com o ombro e volta a conversar com ardor. Ao lado dele, Liesl não precisa nem participar para fazer parte. A delicada

Liesl se juntou à tripulação da *Fafnir* há apenas seis meses, mas sempre se encaixou bem no grupo ruidoso. Ela é bonita e pequena, cílios escuros e um rosto oval. O cabelo preto e fino cai como uma cascata nos ombros. Ambas são coreanas, mas, ao contrário de Ocean, se você cortasse Liesl, provavelmente jorraria soju das veias dela.

Adama e Liesl evitaram se tocar a noite toda, mesmo que de forma casual. Tem gente que se denuncia pelos olhos, mas Ocean sempre soube prestar atenção no que as pessoas não estão olhando. Qualquer outro poderia dizer que era apenas paranoia, que talvez Adama e Liesl tenham tido um desentendimento ainda não superado. É uma evidência tão pequena, mas Ocean conhece bem o sentimento: uma percepção extrema da presença da outra pessoa, vê-la com sua visão periférica como o brilho dourado em sua pele após um dia de trabalho. Fazia tempo que Ocean não sentia isso, mas não queria dizer que não perceberia a sensação em outra pessoa.

Personagens das séries de Von sempre têm um copo por perto para jogar em quem insultar a honra de sua família. Mas copos de soju não contêm álcool suficiente para molhar um gatinho, e o copo de água de Ocean está cheio de gelo. Ela fica imaginando os cubos batendo no rosto dele. Todo mundo bebe água em temperatura ambiente nas séries?

A mesa está repetindo as histórias da última missão deles. Adama está falando perto de Liesl, e coloca o braço no encosto da cadeira dela, o que a faz ir quase imperceptivelmente para a frente. Todos riem de uma piada de Adama. A Ocean de alguns anos atrás, ainda na Sav-Faire, teria colado um sorriso no rosto. A pior coisa não era ser ignorada; era que as pessoas percebessem que ela estava sendo ignorada. Mas a vida de Ocean já estava cheia de sorrisos sem significado que gostaria de não mais conceder. Ela vira a cabeça para trás. O anúncio na parede muda do idol coreano piscando para uma imagem em baixa qualidade de um ator posando junto ao dono do restaurante, distorcida porque o tamanho do arquivo está errado. Barulho vem de todos os lados, em ondas que competem para engoli-la por completo.

Ocean abaixa a cabeça a tempo de ver Liesl derrubar as ferventes pinças de metal e soltar um delicado “Oh” quando elas encostam no braço nu de Adama. Ele se levanta com tudo, batendo a cabeça no exaustor da grelha.

Liesl também se levanta, mãos ansiosas enquanto ela tenta entender se deve cuidar primeiro da cabeça ou do braço dele e, em seu pânico, olha para Ocean. Liesl não está com a expressão de alguém muito preocupada em ser flagrada se preocupando demais com outrem, mas carrega uma dúvida: *Você não deveria estar preocupada?*

Em vez de se preocupar em parecer uma namorada cuidadosa — não, uma pessoa cuidadosa —, Ocean deixa a face sem expressão. Liesl e Adama paralisam como se ela tivesse rosnado para eles. Ocean vira de uma vez sua dose de soju. Coloca o copo de volta na mesa e escuta o vidro bater na madeira, mesmo com o barulho do restaurante.

— Há quanto tempo vocês estão juntos? — pergunta ela.

A mesa toda fica em silêncio, mas Ocean está concentrada em Adama e Liesl. Mentirosos têm dois tipos de reação quando são confrontados. Adama escolhe a primeira possibilidade: negação.

— Do que você está falando? Quem? Nós dois? Está doida?

Ele levanta as sobrancelhas, deixando os olhos ainda maiores. Adama não abusa da incredulidade ao perguntar como Ocean poderia suspeitar de algo assim entre ele e Liesl, colegas de tripulação. Mas, enquanto ele tenta mudar o rumo da conversa para a insegurança de Ocean, que entendeu errado aquela relação, ela começa a observar Liesl com mais atenção, e a delicada moça escolhe a segunda possibilidade: afastamento. Liesl está pálida. Os olhos de encontro ao teto, como se estivesse procurando ali a resposta, e depois na enorme quantidade de banchan na mesa. Se Ocean precisasse esconder um corpo, não pediria ajuda a Liesl.

A julgar pela maneira estranha como estão agindo em proximidade, não faz muito tempo que estão juntos, mas Ocean não se importa. Ela apenas não se importa. Embaixo do banco em que está, Ocean pressiona levemente a gaveta. Depois de identificar a impressão da palma de sua mão, abre-a e retira sua pequena mala. Ocean se levanta e dá um tapinha no ombro de Robert.

— Você é um bom capitão, Robert.

Os olhos azuis dele estão tão arregalados que combinam com a boca em formato de O. Ele provavelmente não suspeitava de nada; se tivesse aquele

tipo de noonchi, não tentaria fazê-la beber em todo encontro. Ocean lança um olhar perscrutador para a mesa, mas, ainda que ela tivesse tentado gravar aqueles rostos em sua mente no último ano, eles já são como estranhos.

— Ajumma! — chama Ocean, ao virar-se abaixando a cabeça enquanto acena com a mão, passando pelas mesas apinhadas. No caixa, levanta a manga da blusa para mostrar o bracelete, que é escaneado para o pagamento da parte dela, mesmo que não tenha comido mais do que alguns bocados. Sem pensar muito, puxa uma mecha do cabelo, mas ele não chega nem ao seu nariz. É provável que ela não tenha passado tempo suficiente ali para ter ficado com cheiro de fumaça.

Ocean sobe as escadas daquele restaurante que é um arauto de séculos passados e desemboca nas ruas extremamente brilhantes da vida noturna de Seul. A umidade e o cheiro opressivo da rua a acertam em cheio, como se tivesse levado um tapa de esgoto. Ocean pega a nimbus de sua bolsa e a posiciona sobre a cabeça, puxando um pouco para baixo ao prender um dos lados na orelha direita. A voz de Kim Yongim é um trinado sobre um amor perdido, acompanhada de uma batida animada. Ocean imediatamente vira os olhos para a esquerda e a música para de tocar. Ela rola pela biblioteca de músicas e duas garotas passam por ali em uma corrida de hover, os cabelos longos e os sobretudos esvoaçando enquanto disparam pela rua animada.

— Ocean! — Adama aparece no topo da escada.

Ela não devia ter vacilado escolhendo sua trilha sonora pessoal. Adama coloca uma das mãos no ombro oposto, os músculos do braço em evidência. Por um instante, Ocean se lembra da sensação daquele braço enrolado nela, quando estava colada a ele no limiar do sono e do despertar. Mas ele só está aqui agora porque não pode ser um babaca na frente dos amigos, não pode deixá-la ir embora assim.

— Aonde você vai? — pergunta ele.

— Namisa. — É infantil, mas também é verdade.

Ele passa a mão no cabelo raspado rente.

— Então é isso? Não vamos conversar sobre o que aconteceu?

Ocean o encara.

— O que temos para conversar? — pergunta ela, branda. Adama disse tudo o que era preciso com suas ações.

— Você não quer saber o motivo? Ou quando? Ou... nada?

— Então você não vai mais negar?

Os lábios de Adama se estreitam e ele diz:

— Você... você me perdoaria?

O que ele realmente está perguntando é: se voltassem, ela conseguiria esquecer o que ele fez? Quando beijasse Adama, ela pensaria naqueles lábios nos de Liesl? Quando ele estivesse dentro dela, ela se perguntaria se ele compara as duas? Ela conseguiria superar?

— Claro — responde Ocean.

O rosto de Adama se contrai.

— Qual é o seu problema? — pergunta ele.

— Você realmente está me perguntando isso?

Adama solta um suspiro, como se fosse ela a irracional, e uma onda quente se acumula no peito de Ocean.

— Você quer mesmo ficar comigo? E quanto a Liesl? — pergunta ela.

— Foi um erro. Eu... Você... — Ele olha ao redor, mas ninguém está parado na rua, interessado no drama amoroso que se desenrola em público. — Você me deixou sozinho.

— Sozinho? — repete ela. — Não posso confiar em você sozinho? É isso que está dizendo?

— Não! — grita Adama. — Você me deixou *sozinho*. O tempo todo! — As luzes neon brilham na pele suada dele, uma nesga de dentes aparece quando ele tenta sorrir e, de repente, olhos marejados. Ocean entende o que ele quer dizer. Ela também sabe que é verdade. Ele bate com o dorso da mão na sobrancelha, um gesto que só performa quando quer que o cenho não se franza, e Ocean repara no tom cor-de-rosa da palma daquela mão. Ela já traçou aquela palma com os dedos, pressionou-a contra a sua como se rezasse. — Eu devia ter escutado o que eles diziam de você. Tem todo tipo de falatório desde a escola Yong.

As palavras arrancam dela qualquer simpatia ainda existente. Ela não vai presenteá-lo com esse último monólogo. Adama deveria saber que ela

nunca funcionava com provocações. Mas ele não sabe, e isso provavelmente é tanto culpa dela como dele. Ocean coloca a mão na nimbus de novo, e o rosto de Adama se contrai.

— Você sempre estava procurando uma desculpa para terminar. — As palavras são mais audaciosas do que o olhar dele. — Por que aceitou sair comigo se sempre procurava uma desculpa para ir embora?

— Você acabou de me dar essa desculpa, não é? — Ocean abaixa a nimbus até a testa. Coloca a mão no ouvido direito. Provavelmente tornaria tudo mais fácil para ele, ele se sentiria vingado, se ela demonstrasse a mesma raiva. Mas ela não lhe deve mais nenhuma emoção fabricada, se é que teve algum dia. As palavras que diz agora são gentis. — Acabou, Adama.

Ocean dá um toque na nimbus e o brilho azulado pisca enquanto ela passa a bolsa pelo ombro. Os primeiros acordes do piano sufocam o que mais ele possa estar dizendo e são seguidos pelo crescente som das hastes de metal passando pelo címbalo. Antes mesmo que o timbre inconfundível do trompete faça sua entrada, ela reconhece a música. É melancólica demais para o presente humor dela, mas era o que estava na direção de seus olhos quando Adama interrompeu a rolagem pessoal dela.

Ocean se dobra para enfrentar a onda de pessoas. Deixa que seus pés a levem enquanto seu queixo erguido corta um caminho na multidão. Um grupo de estudantes uniformizados, provavelmente indo para algum hakwon,³ passa por ela, cabeças coladas para dividirem a fita de peixe do espetinho odeng. Ela captura o odor quando eles se cruzam, e o estômago dela responde.

Bem, pelo menos isso ela consegue resolver.

Haven escuta a campainha quando passa a mão no botão de desligar o chuveiro. Não é a campainha da porta, o som indica que alguém está na janela. Ele sai do banho, os pés molhados no piso enquanto tenta pegar a cueca. É difícil vesti-la com a pele molhada. A campainha da janela toca

3. Tipo de “cursinho” comum na Coreia. (N.T.)

mais uma vez. Ou o vendedor ambulante está adiantado, ou Haven perdeu completamente a noção do tempo sob os infinitos jatos de água quente, os quais ele não precisava se preocupar em virarem jatos frios enquanto ainda estava ensaboado. Pulando pelo pequeno dormitório, Haven se seca com uma mão e veste a calça em uma perna. Chega à janela assim que a roupa passa do quadril, e espalma o botão que está naquela parede.

O painel da janela se dobra para cima e revela um coreano sorridente. Imediatamente, uma nuvem de aromas o alcança, vindos da cozinha minúscula e abarrotada atrás dele.

— Peço desculpas — diz Haven. — Devo ter perdido a noção do tempo.

— Ah, não se apresse por minha causa. Sempre gosto de fazer essa viagem até a Aliança. — O velho sorri bem largo, mostrando uma linha de dentes perfeitamente alinhados e brancos. Ele fala a língua comum com bastante sotaque, mas é fácil para Haven compreender. — Obrigado pelos seus serviços.

Haven encosta o dedo no guichê e um menu surge, a tela se acende com uma lista da melhor comida de rua que Seul pode oferecer. Ele olha as imagens com cuidado, já salivando. O velho se aproxima para dar zoom e Haven automaticamente move a mão para evitar o toque.

— Estou surpreso por você não estar lá fora curtindo a vida noturna da cidade. Hoje metade de Seul consiste em membros da Aliança que chegaram para o baile de gala de amanhã. Precisa de um guia? Dicas dos melhores noraebang? — O senhor pega um panfleto velho debaixo do balcão do guichê, se inclina para a frente e dá uma piscadela. — Dicas de onde encontrar as pessoas mais bonitas? Que tal...

Água pinga do cabelo de Haven, que ainda está sem camisa. Ele pigarreia.

— Você se importaria se eu pegasse...

— Euh, geurae geurae. Que garoto educado! — O velho balança a cabeça. — Por favor, leve o tempo que precisar! Estou às suas ordens.

Haven se abaixa para apanhar a toalha que caiu no chão. Pega a túnica limpa que está na cama e a veste, o tecido se ajeita em seu corpo. Muito melhor. Ele se volta novamente para o aéreo, secando o cabelo, mas se interrompe ao perceber a expressão do homem. O rosto desfigurado em nojo.

— Você... — Ele perde as palavras e aponta para o ombro de Haven.

Haven percebe o erro que cometeu. Até aquele momento, não estava tão preocupado com o fato de expor a pele, mas pelo menos tentava prestar atenção no quanto deixava exposto.

— Sou — confirma Haven, mesmo sem ter existido uma pergunta.

— Abutre. — O homem cospe e Haven esconde a careta enquanto o cuspe cai no chão do quarto. Ele bate em um botão e sua aeronave se descola da janela de Haven com um grunhido de metal. Enquanto sai pelo céu noturno, cautelosamente pinça o panfleto (que Haven tocara) e o joga para dentro do quarto. — Não sirvo Mãos da Morte. Você sabe o que isso faria aos meus negócios?

Com uma virada de volante, ele se vai, para longe.

Haven encara a não mais obstruída visão da noite em Seul. Uma de suas mãos da morte, anteriormente repreendidas, bate novamente no botão de fechar a janela. Passa a toalha para secar o cuspe do chão e depois joga o panfleto na reciclagem. A barriga de Haven ronca enquanto o compactador identifica e categoriza o lixo com uma série de bipes. Uma olhada rápida no espelho revela a pena entalhada na pele da nuca. Haven pega um casaco e diz a si mesmo que não se importa se alguém a vir. Só não quer mais drama. Então calça os sapatos e sai do quarto.

O corredor está mais silencioso do que em todas as outras noites. O velho tinha razão — todo mundo estava aproveitando a vida noturna de Seul. Haven pega o elevador e aperta o botão do subsolo que o levará diretamente à conexão com o metrô. O elevador se abre em um piso com diversas saídas e escadas que levam a diferentes níveis. A placa ajudaria, se ele soubesse para onde está indo, mas um bêbado aparece em uma das escadas rolantes gritando bobagens, e Haven rapidamente decide pegar outra escada qualquer. Desce até a plataforma que vai para Apgujeong.

A plataforma está vazia, e uma lufada de ar reciclado é a única coisa que o recebe quando ele entra no vagão. Até onde sabe, esses são bons sinais. A parte do vagão em que está tem iluminação fluorescente, além do silvo constante dos limpadores UV que passam pelos assentos. Um display anuncia que, do lado de fora, a noite está tranquila com 97% de umidade, mas essa informação é apenas um pouco inconveniente. Ele já percebeu que

as pessoas na Terra tendem a correr de um prédio ao outro como baratas que evitam a luz.

A voz automatizada, um sistema perfeito de contralto, anuncia a próxima estação; primeiro em coreano, depois em língua comum. Os anúncios que passam acima da cabeça de Haven também exibem os dois idiomas. Um belo homem coreano acaricia o rosto com uma mão e segura um pequeno recipiente com a outra, como se dissesse “Você também pode ter a pele perfeita e branca”. Mesmo só prestando um pouco de atenção desde que chegou a Seul, Haven reconhece aquele rosto como o mesmo de quase todos os demais anúncios.

Ele sai do vagão, que então dispara para a próxima parada. Ao escolher entre as saídas, ele a vê.

Na plataforma oposta, esperando pelo trem que a levará de volta ao dormitório da Aliança, está uma jovem. Talvez seja uma oficial ou esteja visitando alguém, a julgar pela pequena mala no banco atrás dela. O cabelo é curto e preto, e a pele clara parece ter feito uso do creme anunciado no metrô. Haven chutaria que ela é coreana, mas de longe é difícil ter certeza. Um halo eletrônico brilhante ilumina a sua testa e ela está de olhos fechados.

Ela está dançando.

A julgar pela hora e pelo local, Haven poderia pensar que ela está embriagada, mas os movimentos são muito controlados para tanto. Quase imediatamente ele consegue saber que ela teve treinamento clássico de balé, quando o *soutenu* se transforma em um *arabesque*. O lento e sensual esticar-se esconde força na suavidade, o rosto está em um *épaulement* — que George Balanchine descreveu como o movimento de uma bochecha pedindo um beijo. Contudo, se ele fosse chutar, diria que a técnica é Vaganova, não Balanchine. Nessa situação, a bochecha da mulher é beijada pela luz da estação de metrô.

Quando ela gira mais uma vez, os braços subindo e descendo em arco, Haven vê um halo ligado a fones de ouvido. Ela ergue bem os braços, os pulsos soltos, os dedos para fora, como se estivesse esticando as asas. A perna direita se levanta em linha reta e, ao mesmo tempo, a perna de Haven também se levanta em um gesto irmão.

Um trem passa por ela, soltando uma baforada de ar quente que desfaz o encanto. Haven baixa a perna e olha ao redor. Ainda não tem mais ninguém ali. Ele corre até a escada mais próxima, mas, enquanto sobe, olha para os trilhos.

O trem se foi, a plataforma está vazia.

